

Dolz, Schneuwly, de Pietro e Zahnd (2004) sugerem variadas formas de avaliação: inicialmente, uma avaliação diagnóstica; ao longo do processo, avaliações reguladoras interativas; ao final, uma avaliação global, considerando todos os critérios elaborados e trabalhados ao longo do ensino, como se pode ver na citação a seguir.

Os critérios – explícitos e transparentes - de avaliação serão os diferentes objetivos selecionados a partir das características específicas da exposição que são expressas no modelo didático. Esses objetivos são claramente enunciados ao longo das oficinas, pontuando a seqüência.

(DOLZ; SCHNEUWLY; DE PIETRO; ZAHND, 2004, p. 218).

Na Coleção “Português: Linguagens” , a atividade analisada não apresentou tantas variedades de avaliação, porém, ao longo do processo, houve um momento de avaliação reguladora interativa, após a simulação que é proposta (figura 18) e ao final do projeto, ocorreu uma avaliação global (figura 24). Na Coleção “Novo Diálogo” só houve um momento real de avaliação, também global, ao final das apresentações (figura 25).

Para uma avaliação somatória, é importante que os critérios de avaliação correspondam ao que foi objeto de ensino na seqüência, ou, mais precisamente, aos objetivos didáticos relativos ao domínio dos conhecimentos e dos conhecimentos práticos de linguagem, específicos ao gênero trabalhado.

(DOLZ; SCHNEUWLY; DE PIETRO; ZAHND, 2004, p. 245).

Em nenhuma das duas coleções analisadas houve referência a este tipo de avaliação.

Os problemas detectados por estes autores nas exposições produzidas pelos alunos que não seguiram um ensino específico são das mais diversas ordens, conforme citação abaixo:

Ausência de apresentação da situação, de justificativa do tema escolhido e de captação do auditório; ausência de anúncio do plano da exposição, resultando, freqüentemente, num desenvolvimento “sem pé nem cabeça”, no qual as mudanças entre as partes são indicadas de maneira mínima; falta de consideração do auditório, manifestada, por exemplo, pelo emprego de termos desconhecidos; ausência de recapitulação, de fechamento (ou fechamento “mínimo”: pronto...) etc.

(DOLZ; SCHNEUWLY; DE PIETRO; ZAHND, 2004, p. 239-240).

No caso da proposta de exposição analisada na Coleção “Português: Linguagens” , conclui-se que tais dificuldades, se aparecerem num momento inicial, não deverão estar

presentes na apresentação final, porque, não só houve toda uma progressão na orientação dos diversos aspectos deste gênero, como também houve oportunidade de uma simulação, depois da qual aspectos que merecem reparo deverão ser apontados, buscando meios que tornem o trabalho mais atraente, dinâmico e coeso, conforme salienta o próprio livro didático (figura 18).

O mesmo não pode ser dito da exposição da 6ª série da Coleção “Novo Diálogo”, porque se verificou uma apresentação mais simples, embora bastante fundamentada, certamente por se tratar de alunos mais jovens e por este ter sido um primeiro momento de contato com este gênero.

Focalizando o desempenho oral do expositor, Dolz, Schneuwly, de Pietro e Zahnd (2004, p. 224) citam os três modos de produção que Goffman (1987, p. 178) considera importantes para que uma exposição tenha “vida”: a memorização, a leitura em voz alta e a fala espontânea, devendo todos eles ser trabalhados em sala de aula, em situações diferentes, com o objetivo de um ensino coerente da oralidade. De igual importância, continuam estes autores, é trabalhar a retórica textual (captar a atenção da audiência, variando a voz; gerenciar o suspense; seduzir) e favorecer uma boa compreensão do texto (falar alto e distintamente, nem rápido, nem muito lentamente; gerenciar as pausas para permitir a assimilação do texto, etc), lembrando que a gestualidade, a cinestésica e a proxêmica são aspectos implícitos da oralidade. (DOLZ; SCHNEUWLY; DE PIETRO; ZAHND, 2004, p. 225-226).

De fato, a importância da exposição, tanto no contexto da escola, como no da vida social, assim como a importância das capacidades que lhe dizem respeito – que contribuem todas para definir o domínio do gênero e devem, então, de uma maneira ou de outra, ser abordadas – justificam que o gênero “exposição” seja trabalhado várias vezes durante a escolaridade, nas diversas variações (tais como a exposição biográfica, a exposição explicativa etc.), para que tudo não seja abordado ao mesmo tempo, mas sim distribuído nas diversas variações do gênero e nas diferentes séries.

(DOLZ, SCHNEUWLY, DE PIETRO, ZAHND, 2004, p. 227).

Esta proposta de trabalho com um gênero da modalidade oral, que foi tão bem encaminhada, na Coleção “Português: Linguagens”, como produção textual final desta série, poderia também ter ocorrido em diversos outros momentos das duas coleções analisadas, o que ampliaria o conhecimento dos alunos quanto aos usos diversos da modalidade oral, que não se limita apenas a conversações cotidianas, mas requer conhecimento, planejamento, registros que permitam retomadas e um aprimoramento no desempenho dos gêneros orais formais públicos.

6.3 OUTRAS SUGESTÕES DE TRABALHO COM A ORALIDADE

Embora os gêneros orais “debate” e “seminário” (exposição oral) só tenham sido trabalhados nas 7ª e 8ª séries da Coleção “Português: Linguagens” e nas 6ª, 7ª e 8ª séries da Coleção “Novo Diálogo”, conforme mostrou a análise destas atividades, foram identificados diversos momentos em que a modalidade oral poderia ter sido contemplada também, através de relatos, narrativas orais, depoimentos, exposições e, sobretudo, debates e entrevistas em todas as séries das duas coleções.

A seguir, todas estas possibilidades são listadas, para que se perceba o enorme potencial de trabalho com gêneros orais que poderia ter sido desenvolvido e serão ilustrados momentos com a entrevista, o relato, o conto maravilhoso e o cordel.

Tabela 10

Série	Módulo	Página	Gênero que poderia ter sido trabalhado
5ª	1	15	Narrativa oral
5ª	2	94-96	Relato
5ª	4	184	Debate
5ª	5	212	Cordel
5ª	5	236,237	Entrevista
6ª	2	84	Debate
6ª	3	152	Entrevista
6ª	5	210	Plenário
6ª	6	262,263	Exposição
6ª	6	278	Entrevista
6ª	7	306-311	Entrevista
7ª	1	20-25	Cordel
7ª	1	46	Relato de memórias
7ª	2	56	Debate e exposição
7ª	7	232-237	Cordel
8ª	3	109	Exposição do painel
8ª	5	216	Entrevista

Tabela 11

Série	Unidade	Capítulo	Página	Gênero a ser trabalhado
5 ^a	2	1	88	Conto
5 ^a	2	2	104	Conto
5 ^a	2	3	119	Conto
5 ^a	4	1	205	Relato pessoal
5 ^a	4	2	225	Relato pessoal
5 ^a	4	3	240-242	Exposição antes/depois do texto de opinião
6 ^a	2	1	83-86	Exposição antes/depois do texto de opinião
6 ^a .	2	2	103-104	Debates e/ou entrevistas antes/depois do texto argumentativo
6 ^a	2	3	121	Debate antes/depois do texto de opinião
6 ^a	3	2	165-169	Entrevista
7 ^a	2	3	137-138	Entrevista
8 ^a	2	2	112	Entrevista
8 ^a .	2	3	135	Debate antes/depois do editorial
8 ^a	3	3	159-163	Debate, entrevista ou exposição antes/depois do texto argumentativo.

Coleção Português: Linguagens

6.3.1 A Entrevista.

A entrevista é um gênero primordialmente oral. Nas várias listas de gêneros de entrevista, a maioria refere a interações orais (entrevista com médico, entrevista para conseguir emprego, entrevista coletiva, etc), e mesmo com respeito à entrevista jornalística, pensamos primeiro nas entrevistas ao vivo dos programas de televisão e rádio. Quando publicada em jornais e revistas, na maioria das vezes, a entrevista foi feita oralmente e depois transcrita para publicação.

(HOFFNAGEL, 2002, p. 182).

Este gênero se faz presente para a maioria dos cidadãos, mais cedo ou mais tarde, em algum momento de sua vida: numa seleção de trabalho, durante uma consulta médica, em contato com educadores ou pesquisadores de opinião pública, a qual é, geralmente,

influenciada, de maneira significativa, quer em sua realidade pessoal, quer social (comunitária), pelo papel que o entrevistado desempenha.

É importante, portanto, que o ambiente escolar não só familiarize os alunos com os diversos tipos de entrevista, a depender de seus diferentes propósitos, como também crie momentos em que os aprendizes possam desempenhar ambos os papéis: entrevistado/entrevistador.

Na Coleção “Novo Diálogo”, esta pesquisa propõe um trabalho com este gênero em cinco momentos, conforme indicado na tabela 9, anteriormente.

Na seção intitulada *Projeto de Redação*, no volume da 5ª série, no 5º módulo planeja-se a montagem de um “*Almanaque de esportes*”, cuja preparação é distribuída nas seguintes etapas, assim enumeradas no livro didático (BELTRÃO; GORDILHO, 2004, p. 224):

I -	Primeiras Pistas	Aproximando-se do assunto
II -	Lente de Aumento	Pesquisando as informações
III -	Vale a Pena Saber	Acrescentando informações
IV -	Arrumação das Idéias	Preparando o almanaque

É na 3ª etapa que se propõe a realização de uma entrevista com diversas informações, como se verifica na figura 26 a seguir. Caberia, aqui, discutir com os alunos as características deste gênero, fazê-los assistir algumas entrevistas e, até mesmo, realizar algumas com os próprios colegas da turma, para poderem vivenciar os papéis de entrevistado e entrevistador. Como o próprio material didático sugere a utilização de um gravador (caso o entrevistado para o projeto final aceite), uma reflexão poderá ser feita, após as entrevistas entre os colegas, para que diversos aspectos deste gênero sejam apontados.

A entrevista

É um importante meio de conhecer o que a pessoa entrevistada pensa sobre determinado assunto ou de obter informações sobre a área em que ela atua.

O entrevistador deve saber claramente que informações deseja obter do entrevistado; para isso, precisa organizar as perguntas básicas: O quê? Quem? Onde? Quando? Como? Por quê?

Também é importante:

- Marcar o encontro com antecedência.
- Informar ao entrevistado qual o tema e a finalidade da entrevista.
- Preparar o material necessário: caderno e caneta para as anotações (ou um gravador, caso o entrevistado aceite).

Ao final da entrevista, é interessante expor ao entrevistado um resumo do que foi conversado para que ele possa corrigir alguma informação, se for necessário.

Figura 26

(Novo Diálogo, 5ª série, p. 237).

Hoffnagel (2002, p. 181) citando Dolz e Schneuwly (no prelo), considera a entrevista como

[...] uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como num jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e re-orienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas.

Ao analisarem os processos de representação da imagem pública nas entrevistas, Fávero e Andrade (1999, p. 158-164) distinguem este gênero dos demais textos conversacionais por três aspectos: o número de participantes envolvidos em sua organização; o caráter assimétrico da interação; o planejamento e o tempo de elaboração.

Caberá aos autores dos livros didáticos e ao professor, ao trabalhar com as propostas apresentadas, decidir quais destes aspectos merecem mais atenção, um trabalho com maior ou menor detalhes, considerando, sobretudo, a faixa etária dos alunos. No caso da 5ª série, será o primeiro contato com este gênero, provavelmente; portanto, as características deste gênero deverão ser mencionadas, sem muito aprofundamento ainda.

No volume da 6ª. Série, a seção, intitulada *Projeto de Redação*, propõe a elaboração de um cartaz do consumidor consciente, divulgando os seus direitos e cinco etapas são sugeridas (BELTRÃO; GORDILHO, 2004, p. 137):

I -	Nos Bastidores	Atingindo o alvo
II -	Imagens e Mensagem	Compondo significados
III -	Linha Direta	Conhecendo nossos direitos
IV -	Campanha de Conscientização	Construindo um cartaz
V -	Aos Quatro Cantos	Divulgando uma mensagem

É na quinta etapa que se propõe conversarem com membros da comunidade, verificando seu nível de conhecimento sobre o assunto pesquisado.

V. Aos quatro cantos • divulgando a mensagem

Chegou a hora de divulgar os *Direitos dos consumidores!*
 Combinem com o professor e com a direção da escola como e onde afixar os cartazes.

Se desejarem, aproveitem a oportunidade e conversem sobre o assunto com os alunos mais jovens da escola, com seus pais, avós, tios, vizinhos... Espalhem aos quatro cantos que o consumidor tem os seus direitos.

Seu trabalho com certeza ajudará a formar cidadãos mais conscientes.
 Após a exposição, avaliar o impacto causado pelo cartaz de vocês.

Itens

1. O cartaz atraiu a atenção do leitor? 😊 😐 😞

2. A mensagem foi compreendida pelo leitor? 😊 😐 😞

3. O leitor já tinha conhecimento dessas informações sobre seus direitos ou foi novidade? 😊 😐 😞

Figura 27

(Novo Diálogo, 6ª série, p. 152).

“É importante também poder avaliar as entrevistas que aparecem na mídia uma vez que sua função primária é, para alguns, de informar o público e, para outros, de formar a opinião pública” (HOFFNAGEL, 2002, p. 180).

Ao entrarem em contato com estas diversas pessoas que a atividade, mostrada na figura 27, sugere, os alunos estariam contribuindo com estes dois objetivos, *informar e formar uma opinião*, se uma entrevista tivesse sido proposta.

Neste mesmo volume da 6ª série, dois outros momentos se mostram adequados para um trabalho com a entrevista, conforme mostram as figuras 28 e 29 abaixo:

III. Repórter por um dia • colhendo fatos

Caro(a) aluno(a),
Nesta etapa, você vai viver a experiência de escolher um fato e redigir uma notícia a partir dele.

Forme dupla com um(a) colega e saiam em busca de notícias! Observem as situações de desrespeito aos direitos do outro que costumam acontecer na sua escola ou alguma situação em que esses direitos são respeitados. Vocês escolhem. Fiquem atentos ao que acontece nos intervalos, na saída, nas aulas... Conversem com alunos de outras salas, funcionários, professores...

Figura 28

(Novo Diálogo, 6ª série, p. 278).

I. Encontro marcado • entrevistando para conhecer mais

A educação ambiental representa hoje uma estratégia de sobrevivência inadiável para as comunidades. Para despertar o cuidado com o meio ambiente, é necessário fornecer informações que motivem as pessoas para o aprendizado e a participação, levando-as a adotar novas atitudes no dia-a-dia.

Ao fornecer informações, a imprensa gera perplexidade na opinião pública, tornando-a sensível à mensagem transmitida.

Caro(a) aluno(a),
Nesta etapa, você vai conhecer mais sobre a entrevista e saber que aspectos deve considerar ao entrevistar alguém.

Figura 29

(Novo Diálogo, 6ª série, p. 306).

Em ambos os casos, é a modalidade escrita que está sendo contemplada. Oportunidade ideal para uma comparação deste gênero nas duas modalidades: a presença das marcas de oralidade pela simultaneidade (ou quase simultaneidade) do planejamento e produção nas entrevistas orais e o apagamento das mesmas nas entrevistas escritas, pelo processo de editoração, conforme mencionado na seguinte citação:

No momento da edição, a entrevista pode manter-se oral (rádio, televisão) ou passar para a escrita (jornais, revista). As escritas perdem muito das características da língua falada: sendo o texto reescrito, desaparecem repetições, correções, paráfrases, hesitações e outras marcas do texto oral.
(FÁVERO, 2001, p. 83).

É oportuno salientar aqui que tais características, embora intrínsecas à oralidade, sobretudo em seu gênero prototípico-a conversação-não são a ela exclusivos. Tudo depende do caráter mais ou menos formal do gênero utilizado. No caso em análise, a entrevista, como se trata de sua realização e/ou publicação através da mídia (jornais, revistas, televisão), a ocorrência destas características tende a ser eliminada ao passarem o texto oral para o escrito.

Como é a modalidade escrita o objetivo da atividade ilustrada na figura 29, mais informações são fornecidas para que os alunos tenham cuidado com o texto a ser produzido, como pode ser observado na figura 30, abaixo:

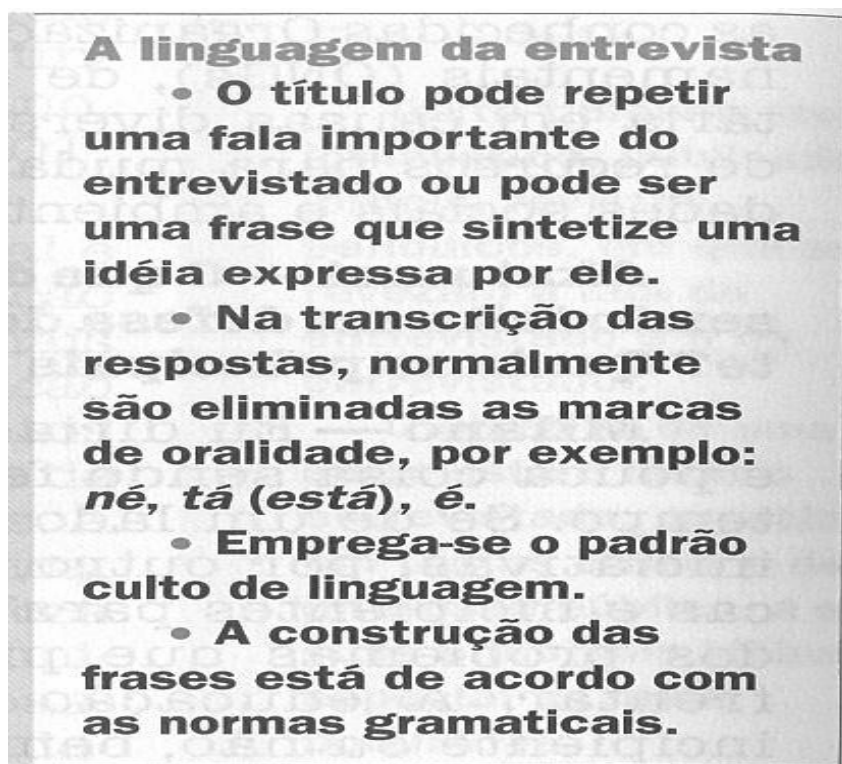


Figura 30

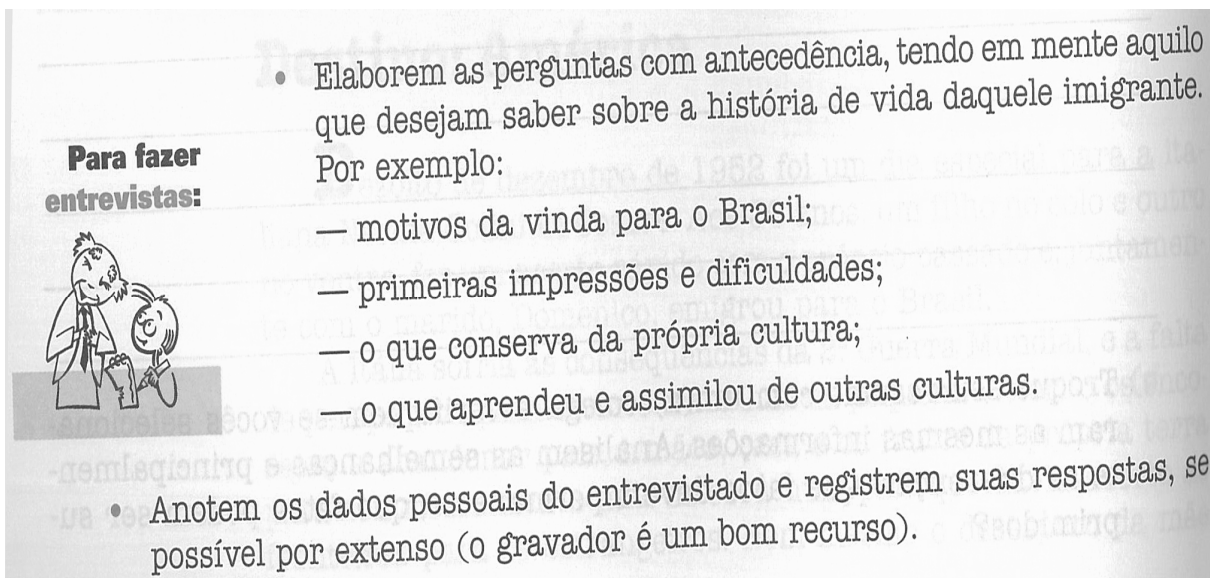
(Novo Diálogo, 6ª série, p. 310).

Este fenômeno de transformação de um texto oral em um escrito é chamado de *re-textualização*, que, também, pode acontecer em uma mesma modalidade. É um processo rotineiro, já automatizado na sociedade, sem se tornar mecânico. “Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos, nem sempre bem compreendidos, na relação oralidade-escrita” (MARCUSCHI, 2003, p. 46). A re-textualização pode ocorrer da fala para a escrita, da escrita para a fala, da fala para a fala e da escrita para a escrita. É interessante trazer estas possibilidades para a realidade escolar.

Na figura 30, entende-se que a terminologia “transcrição” está sendo usada no sentido de “editoração” que ocorre na re-textualização. Marcuschi (2003, p. 51) distingue tais processos claramente, como se observa na citação abaixo:

Transcrever não é uma atividade de metalinguagem nem é uma atividade de simples interpretação gráfica do significante sonoro. A transcrição representa uma passagem, uma *transcodificação* (do sonoro para o grafemático) que já é uma *primeira transformação*, mas não é ainda uma re-textualização.

Mais um momento oportuno de trabalho com a entrevista nesta Coleção “Novo Diálogo” verifica-se no volume da 8ª série, p. 216, quando é pedido que os alunos entrevistem imigrantes, usando, inclusive, o recurso do gravador, como se pode ler na figura abaixo:



Para fazer entrevistas:

- Elaborem as perguntas com antecedência, tendo em mente aquilo que desejam saber sobre a história de vida daquele imigrante. Por exemplo:
 - motivos da vinda para o Brasil;
 - primeiras impressões e dificuldades;
 - o que conserva da própria cultura;
 - o que aprendeu e assimilou de outras culturas.
- Anotem os dados pessoais do entrevistado e registrem suas respostas, se possível por extenso (o gravador é um bom recurso).

Figura 31

(Novo Diálogo, 8ª série, p. 216).

Esta atividade foi uma das etapas sugeridas na seção intitulada *Projeto de Redação* que tem por objetivo a apresentação de uma mostra: “Brasil, mostra a sua cara” e não o trabalho com o gênero discursivo “entrevista”.